

Ao longo da História, o amor tem sido o motor de manifestações artísticas (tomemos, por exemplo, o caso das cantigas de amigo) e manifestações políticas (o caso da Guerra de Troia, causada por conflitos amorosos entre os líderes troianos e gregos, por exemplo), e é inegável o seu efeito nas sociedades. No entanto, e apesar de o amor em si se manter, acreditamos nós, inalterado, as formas de amar verificaram muitas mudanças, ao longo dos séculos.

Para começar, o amor de antigamente tinha, muitas vezes, um carácter definitivo, em que um casamento era vitalício, e um divórcio algo praticamente inexistente, devido à pressão social contra tal. Além disso, o namoro era algo longo e lento, cuidadosamente planeado pelos pais, que determinavam se o/a pretendente era digno(a) de namorar com o/a filho(a), e vigiando todos os aspetos dos encontros dos namorados, que usufruíam de pouca privacidade. Este aspeto era reforçado nas raparigas, a quem era dada pouca liberdade, devido às crenças sociais, como a de que tinham de casar virgens, ou de que eram menos capazes de tomar conta de si.

Atualmente, apesar continuar a haver uma preocupação dos pais com o namoro dos filhos, creio que, na maioria dos casos, e com exceção de certos grupos sociais e éticos, há uma maior liberdade para os filhos escolherem livremente com quem, o que e quando fazer, dando aos jovens uma maior privacidade para o fazerem, sem críticas nem julgamentos.

Na minha opinião, o namoro de hoje é preferível ao de antigamente, pois gozamos de mais liberdade para o fazer e para escolher com quem o fazemos, ao invés de seguirmos os ditames dos nossos pais, e porque não temos de aceitar o casamento e o namoro como algo definitivo.

Duarte Amaro

10.ºA

2016/2017